

E o Vale era o Escravo

E o Vale era o Estado

Vantuil Pereira*

Resenha recebida e aprovada em agosto de 2010.

SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Em um contexto de uma indiscutível crise da história, o debate sobre a teoria da história e da historiografia tem-se desenrolado a partir de antinomias como invenção ou ciência, narração ou explicação, verdade ou ficção. As teorias holísticas são desprezadas em nome de novos enfoques que priorizam o recorte, as diversas verdades da história. Como dizia Carlo Ginzburg, deixa-se de olhar a história como apalpa-delas, isto é, a história como um permanente processo de reconstrução, com intensas reformulações e aberta ao novo. Característica menos de uma crise e mais de uma vitalidade e renovação, típica de uma área de conhecimento que, desde o início do século XX, sabemos que não se iguala à área das ciências exatas.

Josep Fontana já nos alertara para o fato de que a superação da crise da história não pode basear-se na negação global das produções anteriores e a sua apressada substituição por achados pontuais - que só responderiam a uma pequena parte dos nossos problemas como historiadores. A superação exige um esforço sério para recuperar os fundamentos teóricos e metodológicos sólidos, e, sobretudo, o contato com os problemas reais dos homens e mulheres de nosso tempo, dos quais as tendências pós-modernas têm nos distanciado¹.

De outro lado, temos perdido a capacidade de observarmos o desenvolvimento historiográfico, as continuidades e *insights* propostos por autores pretéritos, que nos permitem enveredarmos pelos acúmulos e renovações surgidas a partir de velhas tradições.

Considerando especificamente a historiografia da formação do Estado nacional, da construção da nação brasileira, da cidadania no

* Professor Adjunto do NEPP-DH/UFRJ, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada e de História Contemporânea do Curso de Relações Internacionais/UFRJ. Contato: vantuilpereira@hotmail.com

¹ FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. São Paulo: Edusc, 1998, p. 272.

século XIX e de suas relações com o escravismo, longe de se afirmar que essas temáticas estejam fora do debate acadêmico (inúmeras pesquisas e esforços poderiam nos contradizer), ao que parece, o que está fora de circuito, em muitos casos, é a capacidade dessas pesquisas construir totalidades (esta sim “fora de moda”), de se elaborar uma síntese capaz de alinhavar as interpretações e de explicar os eventos, reunindo as dispersões de histórias regionais, micro-histórias e a história em migalhas.

Pode-se dizer que estamos bem servidos de análises que enfatizam os recortes e o regional, mas essas deixam de fora o todo e não constroem conexões que enriqueceriam a análise historiográfica. Esta parece ser a proposta de *E o Vale era o escravo*, de Ricardo Salles. Segundo seu autor, o propósito do livro foi o de realizar uma investigação que procurasse verificar as conexões entre a ordem econômica e social escravista, exemplificada na região de Vassouras e na província do Rio de Janeiro, e a configuração do Estado imperial.

De uma forma dialética, Salles toma temáticas marxistas - adicionadas à leituras não-marxistas, como as de José Roberto Pinto de Góes, Manolo Florentino e Hebe Mattos - para testar, dentre elementos já presentes em outras obras suas, a base da dominação e hegemonia da classe senhorial.

Salles diz claramente que, em larga medida, sua preocupação foi a de incorporar os avanços realizados pela historiografia recente da escravidão em uma moldura histórica abrangente, que dê conta dos diferentes aspectos da sociedade escravista brasileira entendida como uma totalidade complexa, consoante a tradição marxista.

Em certo sentido, Salles desmistifica parte do que a historiografia da escravidão mais atual “vendeu” como novidade: o protagonismo escravo². Para o autor, várias proposições tomadas como novidade já tinham sido anunciadas por Stanley Stein Warren Dean há mais de cinquenta anos. O autor já havia notado a ação escrava, as contradições e as limitações impostas por este grupo ao escravismo brasileiro depois das décadas de 1870-80.

Contudo, no decorrer da leitura de *E o Vale era o escravo*, fica claro que Salles procura recuperar algumas análises esquecidas no tempo, propondo que, em face de uma aparente ruptura, se possa indicar a existência de um *continuum* e um sentido tributário nas análises sobre a escravidão que não deveriam ser desmerecidas. Segundo o autor, o que enfraquece as abordagens atuais é a sua debilidade, dificuldade e,

² CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

“eventualmente, a recusa de muitos estudos correntes em extrapolar os resultados de suas investigações para além do âmbito de seu objeto empírico de análise”. Desse modo, “os avanços experimentados em termos de nosso conhecimento do passado histórico fica[ria] reduzido ao ineditismo das fontes e/ou do tema estudado”³.

Retomando a discussão da região escravista colonial renovada no Vale do Paraíba fluminense - indicado por Ilmar Mattos em *O tempo Saquarema* e pelas análises iniciais, já apresentadas em *Nostalgia Imperial* -, Salles procura responder como, ao seu modo, a região de Vassouras e a província do Rio de Janeiro foram capazes de reproduzir e disseminar o *ethos* do escravismo colonial reformulado a partir da experiência imperial brasileiro. Uma região capaz de disseminar visões de mundo a partir de uma combinação escravista, moderna. Uma cultura imperial e os valores presentes em um momento de transformação do capitalismo internacional.

Aquilo que seria o ponto fraco do livro de Salles torna-se justamente o seu ponto forte, isto é, ao retomar *Nostalgia Imperial* (e as referências a Ilmar Mattos), o autor propõe-se a verificar empiricamente alguns *insights* anteriormente anunciados. Nesse sentido, ele explicita uma clara tensão entre os formuladores da política do Estado imperial e os grandes proprietários estacionados na região.

Ainda que não o diga, Salles aponta alguns aspectos presentes na obra de Nicos Poulantzas, tais como o Estado como condensação de forças e com capacidade relativamente autônoma para agir. Se o Estado é de uma classe, ele também se expressa antecipando um acontecimento que, no caso brasileiro, estava expresso pelo fim do tráfico internacional de escravos, pela crescente nacionalização da mão-de-obra cativa nacional e pelo contexto do enfrentamento político para a mobilização militar na Guerra do Paraguai, que provocaria uma crescente necessidade de quantitativos que extraplavam o número de brancos e de pretos livres.

Guardadas as devidas proporções, pode-se argumentar que a região constituída a partir de Vassouras, ou mesmo da província do Rio de Janeiro, toma a feição do Estado imperial que se formou a partir da independência brasileira. Na leitura de Salles, foi a partir do surgimento da agricultura do café e com o deslocamento de importância no Norte fluminense para o Vale do Paraíba fluminense, época que coincidiria com a Independência, com as grandes revoltas regenciais e com a Maioridade, que a região passou por transformações econômicas e sociais que a alçaram como o mais importante celeiro de políticos e grandes

³ SALLES, Ricardo. *Op. cit.* p. 22- 23.

proprietários imperiais. Ao mesmo tempo, era o *locus* de um espaço contraditório, onde a classe senhorial fora capaz de produzir tanto a riqueza quanto as saídas para a crise escravista. Tanto fora capaz de reprimir o seu plantel, temendo uma onda de revoltas, como fora capaz de consolidar um sistema elástico que permitisse a reprodução escrava.

Situado na transição entre o amadurecimento da formação do Estado imperial e o início da crise escravista de 1880, a força argumentativa do texto está na ideia de que o Império era o café e o café era o Vale. Tal premissa atravessa todo o trabalho de Ricardo Salles. Daí podermos aproximar a relação do Vale com o Estado.

Trilhando um caminho fora do senso comum na produção historiográfica contemporânea, Salles brinda-nos com reflexões que articulam, em um único fio condutor, uma narrativa clara e eloquente, o total e o regional. Comparativamente, enquanto Ilmar Mattos optou por uma análise mais ampla, Salles procurou perceber as transformações a partir da experiência de uma localidade que emanava o *ethos* da classe senhorial escravista. Ele nos permite ver como, empiricamente, acontece a dominação e como a classe senhorial exerce seu domínio a partir da estrutura do Estado e da região.

De maneira didática, *E o Vale era o escravo* está dividido em duas partes. A primeira tem um caráter mais global. Ela desdobra-se em três capítulos que visam a analisar as questões mais amplas, relacionadas, sobretudo, à política, ao social, e, em menor grau, ao econômico. Nessa parte ainda estão contidos os conceitos-chaves sobre escravidão nacional, formação do Estado, Conselho de Estado, crise da escravidão, etc. É nela que o autor tenta articular o papel do Estado e as grandes políticas imperiais, que muitas vezes contradiziam os interesses da classe senhorial. Os olhares dos homens do Estado estavam voltados para o cenário internacional. Esta indicava para o fim do regime servil, preconizado pela proibição do tráfico internacional a partir de 1850.

Salles arguiu a existência de uma “segunda escravidão” que se expandira, nas Américas e na África, na primeira metade do século XIX. A principal característica desse movimento foi sua interação com a construção dos Estados nacionais e com a expansão internacional do mercado capitalista. É nesse contexto que Salles articula a formação do Estado imperial e da classe senhorial, um processo simultâneo, sob a direção da facção fluminense do partido conservador, os saquaremas, e da Coroa como “partido” dessa classe.

Já na segunda parte do livro, dividida em 5 capítulos, Salles investe na análise específica do Vale do Paraíba fluminense. Desce aos por-

menores das relações entre senhores e escravos na dimensão da região privilegiada como foco, Vassouras, e na província do Rio de Janeiro.

Na linha de raciocínio do autor, “enquanto os estadistas imperiais se viam às voltas com a questão da escravidão no contexto internacional e temiam as possíveis repercussões que essa questão poderia ter no plano interno”, o centro nervoso do Império, isto é, o Vale do Paraíba cafeeiro, a instituição servil experimentava um período de estabilidade e grandeza. Na argumentação do autor, essa seria a dualidade de percepções entre os estadistas e os fazendeiros, raiz da crise política que se abre em 1871.

Metodologicamente, e com fins comparativos, Salles se valerá de dados quantitativos, isto é, dados demográficos sobre a população escrava da província e informações colhidas em inventários *post-mortem*. Nessa parte, serão analisadas as transformações das circunstâncias materiais, demográficas e sociais que condicionaram, na Vassouras de 1850-1880, as experiências de vida e de lutas dos escravos, ao mesmo tempo que foram afetados por essas.

A segunda parte pretende, à luz da nova historiografia, rerepresentar a discussão sobre agência e estrutura no processo histórico, “enfocando a relação entre Estado e as lutas entre escravos e senhores”. Nesse sentido, é substancial a utilização de dados que verifiquem a evolução da distribuição da propriedade de escravos em Vassouras.

É nessa parte também que o autor confrontará a nova historiografia com a historiografia mais antiga sobre algumas temáticas caras ao estudo da escravidão. Nesse sentido, dentre os temas mais destacados estão a família escrava, crescimento ou decréscimo do plantel de escravos depois da cessação do tráfico internacional, estratégias senhoriais para controle da escravaria e escravos nacionais e estrangeiros.

Uma das conclusões apresentadas sobre família escrava, por exemplo, é que, embora já houvesse um processo reprodutivo natural no plantel de escravos, foi a partir de 1865 que se caminhou mais claramente nessa direção. Tal afirmação de Salles contradiz algumas análises mais tradicionais, ao mesmo tempo em que desagrada onde prevalecem a estratégica existência do tráfico internacional. Segundo Salles, é mister que se substitua esta imagem consagrada de escravidão por uma na qual a escravidão, estruturalmente dependente do tráfico, foi real enquanto o tráfico teve vigência. Já por ocasião do seu fim, ocorreram processos de reprodução natural, impondo-se, tendencialmente, em ritmos diferenciados. Uma outra consequência das transformações no tráfico de escravos apontadas por Salles diz respeito às possibilidades de alforrias. Tais transformações ocorriam no exato momento em que em que os escravos

intensificavam a pressão para ampliar seus espaços de liberdade. A conclusão a que chega o autor é que, de prática relativamente comum em todos os tipos de plantéis, a propriedade escrava passou a se concentrar.

Para quem está interessado em uma história explicativa, onde a narrativa ocupa um lugar importante, embora não substitua a teoria, a busca dos *porquês* e a visão holística, *E o Vale era o escravo* é um importante livro que, como já dissemos, foge ao senso comum, propondo não uma visão engessada, mas uma interação entre o marxismo e o que a produção historiográfica sobre a formação do Estado e sobre a escravidão tem de mais profícuo.